

A essência pelo avesso

Carol Garcia

Regras sempre existiram, incluindo as que limitam as reflexões vigentes acerca dos processos de comunicação em torno do famoso trio emissor-mensagem-receptor. Muito embora suas garras se revistam de fragilidade neste mundo movediço, boa parte da indústria de comunicação ainda persiste em seu encaço e promove sua exaltação. As obras de Norval Baitello Júnior, contudo, se notabilizam por desregulamentar essas relações, enveredando pelo caminho da exceção, primando por evidenciar o caráter homogeneizante das normatizações. Observando as suas contribuições para as Ciências da Comunicação, é possível afirmar que, desviando do padrão, o autor busca o risco na tessitura de outras funções ordenadoras, arrombando a dimensão do ordinário. Sua nova obra, *A serpente, a maçã e o holograma* (Editora Paulus, 2010, 120 páginas), obviamente, não é exceção.

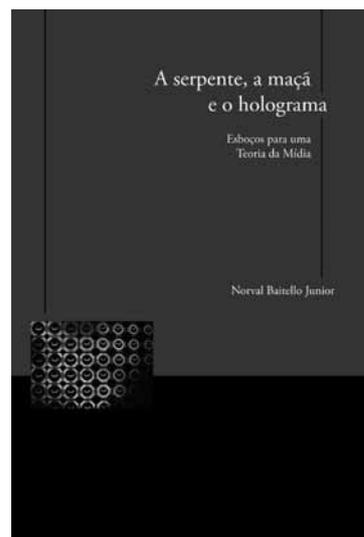
Num ensaio denominado “O caráter destrutivo”, Walter Benjamin observa que “alguns transmitem as coisas, tornando-as intocáveis e conservando-as; outros transmitem as situações, tornando-as manejáveis e liquidando-as”¹. Baitello alinha-se a esse grupo de pensadores, cuja tensão transformadora é instigante, abrindo alas para uma visão complexa da comunicação humana. Irônico, ele declara uma aversão à familiaridade de certas relações com o mundo. E, de modo geral, arquiteta reflexões cuja visibilidade é expandida buscando refrescar o universo por vezes auto-referente das Ciências da Comunicação. No segundo grupo, vivendo na tensão dialética entre a prescrição e o caos reordenador,

¹ BENJAMIN, Walter. “O caráter destrutivo”. In *Rua de mão única. Obras Escolhidas – Volume 2*. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. 5a edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995, pp. 235-237.

A serpente, a maçã e o holograma

Norval Baitello Junior

São Paulo: Paulus,
2010, 120 p.



estariam os precursores Aby Warburg, Vilém Flusser, Harry Pross e Hans Belting, com os quais o autor dialoga em *A serpente, a maçã e o holograma*, obra que reordena o pensamento construído e defendido por ele ao longo de sua carreira como docente e pesquisador.

Alicerçada numa linha que envereda pela complexidade da comunicação humana em patamares pouco visíveis nas obras disponíveis em língua portuguesa, *A serpente, a maçã e o holograma* inaugura uma nova forma de pensar a comunicação, mediante “esboços para uma Teoria da Mídia”. Baitello dedica os dois primeiros capítulos à obra revolucionária de Vilém Flusser, comentando e explicando as inusitadas relações propostas pelo endiabrado tcheco, sem perder o refinamento, nem o foco principal: destrinchar seu pensamento complexo, tornando-o acessível aos leigos. A destruição, destituída de apelo pejorativo, torna-se propulsora de idéias adversárias do comodismo, esmurrando a ilusão parasitária de que o curso das coisas deve permanecer inviolado.

Tomado pelo “caráter destrutivo” benjaminiano, Baitello envenena velhas instituições e gera nova política de existência: impregnada de frescor, pois construída na confluência de questionamentos. A partir de Flusser, por exemplo, entrelaçam-se o pensamento de teóricos igualmente instigantes, como Harry Pross, com o qual o autor compartilhou os famosos Seminários do Celeiro (palcos de debates célebres cujo alcance nos chega pela primeira vez em português) e do pioneiro Aby Warburg, quem defende com rigor as bases de uma Teoria da Imagem, capaz de reconhecer a transdisciplinariedade. Ao arquitetar sua obra, Baitello reprocessa as idéias dos teóricos, de modo a perder os vínculos com a situação original e a organizar um sentido ainda mais complexo mediante a conjunção dos discursos.

Nesse aspecto, é notório o esforço de ordenar um pensamento complexo em termos simples e didáticos, o que faz de *A serpente, a maçã e o holograma* a obra mais importante do conjunto da produção baitelliana. Prolífico no combate à hegemonia, o autor instaura um leitor particular – aquele público outrora exilado, que busca habitar uma zona franca existencial, onde subjazem liberdades estranhas tanto à mutabilidade imperiosa das tendências quanto ao conservadorismo hermético das noções tradicionais de emissor-receptor-mensagem. É o empenho em detonar o vínculo opressor do sistema que, embaralhando a mesmice, determina a premência dessa democracia apregoada por Baitello. Com ela, corrompe conceitos tradicionais, amputando-lhes a importância em prol de processos comunicativos nascidos no corpo, primeira de todas as mídias no entender de Pross, e, hoje, tão corrompidos pela enxurradas de imagens que habitam o homem num incalculável processo de sedação.

É preciso salientar que a obra estrutura coerência interna capaz de conferir aos processos comunicativos valor e significação, navegando de forma singular num rio de inter-relações múltiplas que repropõem e atualizam formas de ser e de estar presente

no mundo. Sendo gerada por convergências discursivas, finca sua credibilidade tanto na demolição das pesadas muralhas da história quanto no dilacerar dos modismos. O resultado, muito mais do que revolucionário é, de fato, evolutivo, indo ao encontro de um complexo jogo de interatividade e de transformação entre idéias e autores.

Um pensador legítimo é aquele que domina o sistema, incorporando e subvertendo textos da cultura para criar sua própria linguagem – um estilo. A estratégia da intertextualidade, associada à didática, conduz o leitor a entender os princípios para estabelecer uma nova lógica dos processos comunicativos. As idéias de Flusser, Pross, Warburg e Belting apresentam a Teoria da Mídia defendida por Baitello como formulação que descarta a monotonia de uma comunicação polarizada em apenas dois bocados, fornecendo-lhe diversidade. Rompe, enfim, com a tirania da homogeneização, produzindo um rico efeito de autenticidade.

Segundo o Novo Aurélio – *Dicionário da Língua Portuguesa no Século XXI*, o vocábulo tradição vem da palavra latina *traditione* e quer dizer “*transmissão de valores espirituais através de gerações*”. Assim, quando argumentamos a presença de um viés não-tradicional como estratégia persuasiva, fica evidente que o autor jamais emoldura o passado, seguindo-o à risca como fórmula fácil de autoqualificação. A sagacidade, pelo contrário, está em resgatar integridade dissolvida em obras dispersas para desprogramar rotinas fatigadas e desprestigiar a saturação da produção em massa acerca da Teoria da Comunicação. Em síntese, a alquimia das boas misturas, desvenilhada da rapidez mecânica, configura-se em uma nova forma de pensar a comunicação humana, pela qual o homem demonstra aos demais de sua espécie sua singular abundância.

Carol Garcia, doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e coordenadora da pós-graduação lato sensu em Criação de Imagem e Styling de Moda no Senac São Paulo.